

OS ESTUDOS DECOLONIAIS COMO BASE EPISTÊMICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE ATELIER NA EAD

THE DECOLONIAL STUDIES AS EPISTEMICAL BASE ON THE KNOWLEDGE CONSTRUCTION
FROM ATELIER EXPERIENCES IN DISTANCE LEARNING

Dânia Soldera
Leda Guimarães

RESUMO

Este artigo traz uma escrita narrativa de caráter crítico-reflexivo, tecendo uma aproximação inicial do contexto da construção de conhecimentos em disciplinas de atelier na modalidade EAD com o campo de estudos decoloniais. A decolonialidade é proposta como base epistemológica e produtora de sentidos. A condução da narrativa se estrutura no relato das escolhas, das vivências da minha trajetória acadêmica e profissional. Por meio dela, mapeio o percurso trilhado até o momento e como esses aspectos me fazem pensar as possibilidades da estruturação da pesquisa em tal campo, amparada em dois autores que problematizam questões do pensamento pós-colonial para embasar a decolonialidade da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

pós-colônias; decolonialidade; EAD; processos; atelier.

ABSTRACT

This article brings a critical-reflective narrative writing, weaves an initial approach of the context of knowledge construction in atelier disciplines on EAD (Distance Learning) mode with the decolonial study field. The decoloniality is proposed as an epistemological and sense-producing base. The narrative construction is structured on the account of choices, experiences and on my academic and professional trajectory. Through it, I map the tracked pathway until the now and how these aspects make me think about the possibilities of the research structuring in such a field, supported by two authors who problematize matters of the post-colonial thinking to support the decoloniality of research.

KEYWORDS

postcolonial; decoloniality; distance learning; processes; atelier.

O GERMINAR

Todo começo é difícil, envolve incertezas, inseguranças e muita expectativa. Isso tanto numa mudança de cidade, num novo emprego, iniciando um curso ou começando a escrita de um texto. E são essas oportunidades que proporcionam crescimentos, conquistas e aprendizados. Este artigo é resultado de um percurso de desenvolvimento de reflexões latentes a cerca de uma trajetória acadêmica de uma professora-artista do ensino presencial no ensino a distância. Para amadurecer as inquietações que surgiram adentramos no campo de estudos decoloniais, pois traça um caminho para produzir sentidos dentro do processo de construção de conhecimentos em disciplinas de atelier na modalidade de Educação a Distância(EAD). O objetivo deste texto é, a partir da narrativa da minha trajetória acadêmica e experiências como docente, tecer amarras com alguns aspectos conceituais trazidos pelos autores Carvalho (2001) e Lima (2013) que me auxiliam a entender os estudos pós-coloniais enquanto base epistemológica fértil e possível para pensar a EAD.

Geralmente quem escolhe fazer pós-graduação tem um tema ou assunto de interesse que perpassa a graduação, mestrado e doutorado, a carreira de formação acadêmica. Esse fio condutor não precisa ser linear ou estar fechado, mas se identificam as relações, desdobramentos e/ou aprofundamentos em determinados conceitos ou aspectos que ligam as pesquisas. Meu trabalho não foi diferente. No Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais, fiz um estudo de caso sobre um estudante cego na educação básica em aulas de artes, aprofundado nas questões de inclusão e acessibilidade.

Quando entrei no mestrado, já na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da UFG, minha pesquisa se voltou ao olhar. Me dediquei então a entender a relação dos deficientes visuais com as imagens e mergulhei nos estudos sobre os modos de ver de fotógrafos cegos. Na defesa do mestrado a banca sugeriu alguns caminhos possíveis para continuar a pesquisa no doutorado, conceitos iniciados e que poderiam ser aprofundados. Esse sempre foi meu pensamento quando vislumbra uma possível continuidade na carreira acadêmica. E como nosso caminhar não se limita a um traçado reto num mapa, fechado numa trilha única, sempre busquei abrir trilhas para

outras rotas possíveis, que me levaram a conhecer novos lugares e enriquecer meu percurso. Uma delas foi a oportunidade que tive durante o mestrado de atuar como tutora em disciplinas teórico-didáticas no curso de Licenciatura em Artes Visuais da EAD da UFG, foi meu primeiro contato com a modalidade. Mas, e sempre tem um mas, ao terminar o mestrado eu estava exausta, não conseguia me ver entrando imediatamente para o doutorado, então busquei a carreira docente. Fiquei dois anos como professora substituta no Instituto Federal de Goiás, com aulas no ensino médio e superior.

No final de 2016, quando já encerrava o contrato surgiu o convite de entrar como tutora num curso de especialização da FAV/UFG, o que me possibilitou orientar três projetos de TCC ao final do curso. Enquanto ainda estava atuando na especialização ingressei como professora substituta na FAV, onde também fiquei responsável pelas disciplinas do atelier de pintura no curso de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais presenciais. Essa experiência se abriu também para o curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD, onde compartilhei a atividade de professora formadora em uma disciplina de atelier. E foi assim que cheguei até aqui.

O ECLODIR DA CASCA

Pensar o ensino de Artes, as formas de construção de conhecimento e, principalmente, mensurar o que e como as propostas foram entendidas pelo outro, é geralmente uma questão que inquieta educadores e pesquisadores de qualquer área do conhecimento. Quando esse aspecto é transferido para o campo da Educação a Distância (EAD), além de potencializado é também carregado de incertezas e desconfiças, em muitos casos por parte de educadores e gestores que ainda não compreendem as formas de construção de conhecimento e metodologias específicas que envolvem essa modalidade de ensino. O potencial que a modalidade EAD carrega é muito importante, considerando que o tempo para o aprendizado de cada educando é mais respeitado e que a plataforma permite que conteúdos, discussões e trocas sejam revisitadas quando e quantas vezes os estudantes necessitem. Além de possibilitar contatos individualizados e privados com tutores e professores formadores em casos de dúvidas, ou quaisquer outros aspectos que em uma sala de aula presencial poderiam gerar algum constrangimento ou silenciamento.

Considerando esses e muitos outros aspectos específicos da formação de um docente em Artes Visuais, esta pesquisa se fundamenta com base em uma questão principal: Como se dá a construção de conhecimento nas disciplinas de atelier na

modalidade EAD? Ao usar a expressão disciplina de atelier, falo das disciplinas curriculares voltadas ao estudo das linguagens artísticas com foco mais prático, de experimentação e exploração de materiais, técnicas e potencialidades. Entender como se dá a construção de conhecimento especificamente nas disciplinas se tornou um ponto muito importante quando penso na formação de um licenciado em Artes Visuais pela EAD.

O interesse por entender como se dá o processo de construção de conhecimento nas disciplinas de atelier no curso de Licenciatura em Artes Visuais da EAD, aflora após minha atuação como professor formador. Atuei como formador em disciplina teórica e também disciplina prática de atelier, e com essa experiência pude entender que existem grandes diferenças com características bem particulares no envolvimento dos estudantes em cada uma. Mas o fator crucial que me fez querer aprofundar nessa reflexão foi a partir de uma conversa com um colega que também atuou como professor formador em uma disciplina de atelier. Para ele a experiência não foi satisfatória pois não conseguia perceber nos educandos o aprendizado da linguagem e nem obteve as respostas esperadas. A sensação que ele descreveu ao final do percurso foi de que não havia conseguido construir conhecimento com os estudantes. Essa situação me levou a muitos momentos de reflexão e análise da minha vivência, e que me traz a essa escrita sobre a construção de conhecimento por parte dos educandos nas disciplinas de atelier na EAD.

Todo licenciado em Artes Visuais tem a formação ancorada na vivência e prática em diferentes linguagens artísticas combinada às disciplinas didáticas, pedagógicas, metodológicas e curriculares, fundamentais para o futuro exercício da docência. A construção da estrutura curricular dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais compreende e respeita o entendimento que o professor da área é um professor-artista, e que os dois conhecimentos são indissociáveis e tem igual importância na atuação desse profissional em sala de aula. A experiência prática com as linguagens, especificidades de suas técnicas e materialidades, permite compreender de maneira mais consciente e complexa as teorias, assim como as disciplinas teóricas/didáticas tecem os caminhos para o entendimento e consolidação desses saberes.

Ao reconhecer esses dois aspectos como cruciais para a formação do professor de Artes Visuais, é importante entender também como se constitui o processo de construção de conhecimento dos estudantes da Licenciatura em Artes Visuais da EAD, nas disciplinas práticas de atelier. Como eles organizaram seus tempos de estudo e exercícios práticos, como estruturam o conhecimento e construíram o

repertório em cada linguagem. E também saber como esse conhecimento é aplicado e contribui nas experiências profissionais dos egressos do curso. Sim, esse é outro ponto muito importante para mim nessa proposta, saber se e como esses aprendizados impactam nas escolhas da vida profissional deles.

Para muito além de se tratar de uma pesquisa na área da educação e contextos de formação, aprendizagem e recepção, essa pesquisa vai tratar de educação, processos de mediação e construção de saberes. Com ela busco entender os indivíduos com suas especificidades, potencialidades e limites. O tempo e os processos de cada um no seu caminho de formação. Na modalidade de Ensino a Distância cada estudante é inteiramente responsável pela sua trajetória, as formas de se relacionar com os conteúdos e fazê-los criar sentido ainda mais íntimo. Dessa forma se aproximando do pensamento de Mignolo, apresentado por Dias (2011), a respeito da epistemologia de fronteira, que “incentiva o desenvolvimento de um 'outro pensamento', deslocando os binários eu/outro(...), e provocando um deslocamento de rígidas noções expectativa, análise de imagens, modos de ver, questões de posicionalidade” (DIAS, 2011, p. 89), e também do conceito de decolonialidade.

Para esse mergulho, e na busca por um produzir uma base que construa sentido, a pesquisa se estruturará enquanto fundamento epistemológico no campo dos estudos decoloniais, pois a premissa é entender a construção do conhecimento nas disciplinas de atelier partindo das experiências dos estudantes da EAD, dentro deste contexto e lugar particular. Para isso, deixarei de lado minhas “verdades” e certezas acumuladas ao longo das minhas vivências enquanto estudante e professora no presencial, pois são realidades totalmente distintas, por mais que os objetivos e conteúdos sejam os mesmos, a maneira como o aprendizado se desenha e consolida são distintas. Para ouvir, entender e problematizar as questões específicas da EAD é preciso também mudar a maneira de ver a construção do conhecimento e suas possibilidades, e acredito que o campo da decolonialidade carrega aspectos inerentes da modalidade de Ensino a Distância.

O ROMPER DO SOLO: INÍCIO DO PROCESSO DE CRESCER

A base teórica para a escrita é muito ampla e complexa, o que exige muita leitura e releitura para conseguir entender os conceitos e contextos antes do início da escrita. Como já mencionei, todos os assuntos são de interesse mas ainda novos, e não tenho repertório para esboçar nenhuma tentativa de reflexão sobre vários deles no momento.

Para entender o campo da decolonialidade e saber se fazia sentido li a tese *Des/obediência na de/colonialidade da formação docente em arte na América Latina (Brasil/Colômbia)* (2018), do Eduardo J. S. Moura, que me ajudou a esboçar a ideia como possível. E Mignolo trazendo a *Epistemologia de Fronteira* que conheci no texto do Belidson Dias (2011), que me fazem perceber a EAD como periférica dentro do contexto acadêmico, onde costuma ser vista com desconfiança e de menor relevância, precisando sempre se provar e mostrar resultados para ser considerada, mas ainda preciso buscar mais a fundo nos escritos do Mignolo para conseguir explorar e elaborar os argumentos.

Os estudos direcionados a formação na EAD não são novos e demonstram que a modalidade é tão eficiente para a formação acadêmica e profissional, quanto os cursos ofertados na modalidade presencial. O corpo docente geralmente atua nos dois e as matrizes curriculares são comuns, com pontuais diferenças inerentes a modalidade. Durante o semestre, em outubro encontrei uma série de reportagens feita pelo jornal O Globo sobre a EAD. Mesmo que a matéria se limite a rede privada, acaba por criar uma visão generalista sobre a modalidade e direcionar a opinião pública. Um deles focado na formação de professores chamou minha atenção e quando li despertaram estranhamento e preocupação. Atualmente os cursos de licenciatura da rede privada no Brasil tem mais estudantes na modalidade EAD do que nas turmas presenciais e nos cursos de pedagogia o percentual supera 65%. Ainda de acordo com a reportagem em 2018, pela primeira vez o número de vagas ofertadas para a EAD superou as do presencial. Muitos fatores corroboram para esse crescimento como facilidade de conciliar a rotina de trabalho e estudo, o acesso à graduação em cidades menores e distantes dos centros onde estão as faculdades, a possibilidade de fazer organizar os horários de estudo e o tempo de dedicado.

Mas mesmo assim, o presencial acaba sendo mais valorizado e ganhando maior visibilidade que a EAD. Então onde se ancoram esses preconceitos? De onde vem essas concepções que formulam percepções tão distintas?

Na entrevista concedida ao jornal, Caio Sato, coordenador do núcleo de Inteligência do Todos pela Educação, coloca esse crescimento como preocupante e enfatiza que

a formação do professor via EAD precisa ser uma exceção e não a regra. Formar um bom professor é como formar um bom médico ou um bom engenheiro. Precisa de prática. Boa parte das formações presenciais

também pecam por isso, mas é a partir delas que a gente enxerga um professor melhor formado. (ALFANO, 2019, s.p.)

Discordando desse argumento generalista e tendencialmente elitista, João Mattar, que era diretor de desenvolvimento científico da Associação Brasileira de Educação à distância (Abed) na época, traz contrapontos interessantes que mostram aspectos importantes da EAD como maior preparo dos futuros professores para fazer uso de tecnologias em aula pois a formação já o coloca em contato.

Além disso, o aluno à distância é mais autônomo porque precisa estudar sozinho e passa isso melhor para os seus futuros estudantes. E boa parte dos alunos à distância não conseguiria fazer o curso presencial. Ou porque moram em locais distantes de universidades ou por não conseguirem pagar. (ALFANO, 2019, s.p.)

Esses dois pontos de vista trazidos pela reportagem, sempre tendo em mente que eles se ancoram em contextos específicos que carregam intenções e interesses ao serem defendidos, me provocaram e suscitaram a pensar a partir das discussões iniciadas pelos textos dessa disciplina. Partindo de alguns trechos dos argumentos de Carvalho (2001) e Lima (2013), busco aspectos para traçar paralelos e contrapontos sobre as características das modalidades EAD e presencial a partir dos estudos pós-coloniais dos autores para adentrar viés da decolonialidade que pretendo construir a pesquisa.

José Jorge de Carvalho (2001) no texto "O olhar etnográfico e a voz subalterna", explana sobre a atividade de desconstrução de Derrida, que em 1971 escreveu a respeito do descentramento do olhar etnográfico "ocorrido no interior da visão de mundo ocidental, após a era clássica, 'no momento em que a cultura européia foi deslocada, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência'" (DERRIDA, 1971, p. 234 APUD CARVALHO, 2001, p. 110). Esse descentramento iniciou o processo de deslocamento do olhar, que permitiu posteriormente deslocar também o do lugar de fala. No primeiro momento houve a separação dos olhares dos sujeitos: "o do etnógrafo (o civilizado) e o do nativo por ele olhado (o primitivo), cujas naturezas pareciam, na perspectiva de quem olhava, intercambiáveis analiticamente, ao mesmo tempo que existencialmente incomensuráveis" (2001, p. 110). Nesse contexto o olhar do nativo sobre si e o meio era considerado "natural", ou seja, acrítico, irreflexivo, direto e limitado, incapaz de problematizar. Mesmo praticando o descentramento, o ocidente se colocava "como sendo a única cultura capaz de realizar tal movimento de abertura e auto-

desdobramento” (2001, p. 110). Assim como muitos pesquisadores e professores que reconhecem a EAD como uma modalidade de ensino que cumpre sua função de formar profissionais nas mais diversas áreas, mas ainda utilizam as normas e estrutura do presencial como referência para comparar e validar a eficiência, desconsiderando suas especificidades e potencialidades.

A modalidade presencial é a tradicional, mais antiga e consolidada. Foi a partir dela que o saber concentrado em grandes centros universitários passou a ser construído, formatado e disseminado. Os cursos presenciais, fazendo uma aproximação com os estudos pós-coloniais (indiano) e decoloniais (latino-americano), são coloniais, tradicionais, balizas da verdade, são o modelo a ser seguido e que determinam o que é certo e funcional. Tudo que é proposto diferente disto tendem a ser questionável, falacioso e ineficaz. Essa estrutura começa a ser problematizada a partir das lutas pós-coloniais, onde “pôde ser sustentado o argumento de que o nativo constrói sua alteridade segundo o modo em que retruca, de um lugar subalterno, o olhar do colonizador sobre si” (CARVALHO, 2001, p. 110-111). Ou seja, o sujeito nativo, o subalterno, não é apenas passivo na pesquisa, ele tem repertório e conhecimento e pode falar de si.

Todavia o trabalho que vinha sendo feito, já havia produzido resultados e estruturado formas de fazer pesquisa. Ainda que o olhar tenha sido deslocado e novas narrativas começaram a ser escritas e “os etnógrafos dos países periféricos haviam aprendido com seus mestres dos países centrais a teoria do olhar descentrado que pressupunha fixar o ponto de fuga dessa perspectiva universalista na cultura ocidental européia” (CARVALHO, 2001, p. 111). O que deu origem a um projeto neocolonial, onde os critérios e marcos de referência para todos os países e povos era a eurocêntrica, posteriormente ampliada a norte-americana. Da mesma forma que alguns professores/educadores, com vasto e reconhecido arcabouço teórico e pensamento crítico-reflexivo sobre a educação, o ensino, diferentes metodologias e formas de construção de aprendizados, muitos atuantes nas duas modalidades de ensino em discussão, tendem a deslegitimar a EAD por estarem presos as verdades constituídas pelo modelo de ensino presencial. Isso se dá muitas vezes, pela postura adotada por esses professores de apenas transferir, o modelo de aula e metodologia de ensino que utilizam e funciona nos cursos presenciais, para a EAD quando atuam como formadores. É questionável essa postura mesmo no presencial, porque de uma turma para outra muda muito, os perfis dos estudantes são diferentes e costuma ser ignorado, o professor simplesmente continua ministrando os mesmos conteúdos, com a mesma metodologia, turma após turma. Mas quando feito dessa forma para a EAD geralmente não funciona. E a reação do professor tende a ser questionar a

modalidade de ensino, sem analisar sua atuação. Essa atitude, segundo a autora indiana Vandana Shiva, é

o primeiro plano da violência desencadeada contra os sistemas locais de saber é não considerá-los um saber. A invisibilidade é a primeira razão pela qual os sistemas locais entram em colapso, antes de serem testados e comprovados pelo confronto com o saber dominante do Ocidente. A própria distância elimina os sistemas locais da percepção. (SHIVA, 2003, p. 22-23 APUD LIMA, 2013, p. 206)

Para mudar essa percepção é preciso inicialmente problematizar e repensar esse aspecto, na busca por uma mudança de postura. Pois, como destaca Carvalho,

o ponto central que está por trás do olhar pós-colonial é lutar, como diz Mignolo, por um deslocamento do locus de enunciação, do Primeiro para o Terceiro Mundo. O interesse é de relocação. Não se trata apenas de devolver o olhar – o que é um pouco a alternativa colocada pela crítica da reflexividade nas etnografias – mas de tentar mudar a origem do olhar. (2001, p. 119)

Nesse sentido, é preciso que o professor entenda as particularidades da modalidade a distância e planeje a aula pensada para esse contexto, levando em conta, por exemplo, aspectos como o tempo da disciplina e a quantidade de leituras, para montar a metodologia. Enquanto no presencial você tem uma semana para ler um texto, discutir em sala e entender os conceitos, para nas semanas seguintes adentrar em outros. Já na EAD, dependendo da estrutura que a disciplina foi montada, que geralmente é em módulos, o tempo para as leituras é diferente e quando levadas para as discussões para a plataforma, alguns conceitos importantes podem deixar de ser trabalhados e a condução dos diálogos entre os estudantes pode levar a outros caminhos, o que é interessante também. Mas nem sempre é o que o professor espera. Por isso a importância de relocar o olhar, e assim decolonizar.

Para chegarmos nisso precisamos estar cientes, segundo Lima de um aspecto pertinente apontado por Shiva (2003) que é o fato de que “o saber científico dominante é produtor de “monoculturas da mente”, as quais se manifestam através do desaparecimento das alternativas frente ao parâmetro hegemônico de pensar, de sentir e de viver a realidade” (2013, p. 205). Acredito que é por isso que alguns professores insistem em olhar para a EAD com o olhar do presencial e tentar impor a ela esse olhar. Por não conhecerem outras alternativas, outras formas de ser professor

que não aquele presente em sala, que conduz a seu modo o andamento da aula e tem controle do que é produzido. Mas a própria autora nos diz que “as alternativas existem, sim, mas foram excluídas. Sua inclusão requer um contexto de diversidade. Adotar a diversidade como uma forma de pensar, como contexto de ação, permite o surgimento de muitas opções” (SHIVA, 2003, p. 15 APUD LIMA, 2013, p. 205), e para tanto é necessário reconhecer a EAD como uma modalidade distinta, com características particulares e com necessidades próprias.

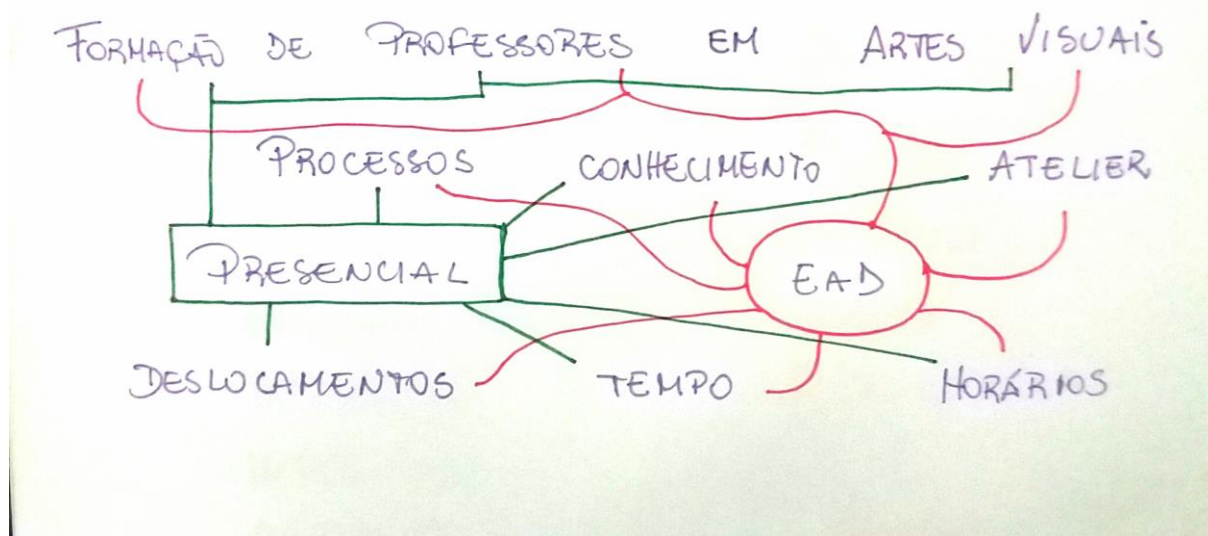
Ainda segundo Lima, o saber dominante ocidental, conforme salienta Shiva, é antes um saber local que possui uma base social atrelada a uma cultura específica, e ele se pretende universal, por estar vinculado a uma cultura colonizadora, tornado-se assim, ele próprio colonizador. Com base nessa percepção, o saber pós-colonial “busca acentuar a logicidade e a validade dos saberes locais, legitimando alternativas possíveis no campo da cognição” (LIMA, 2013, p. 206).

As monoculturas do saber, segundo Lima, ou monoculturas da mente, termo usado por Shiva, “que se manifestam na quietude cognitiva dos estudantes, no medo ao questionamento, na ausência do diálogo e, sobretudo, na crença de que o saber docente é a única porta, exclusiva e válida, para o desenvolvimento intelectual dos estudantes” (2013, p. 215), recorrentes nos cursos presenciais, percebo menos presentes na EAD. Acredito que isso se dá pela consciência que os estudantes têm da sua posição ativa no processo de aprendizado, onde todos são ouvidos, pois sua participação é imprescindível. Também porque, o acesso ao professor e tutores é possível a qualquer tempo e estimulada. Muitas vezes, uma dúvida que surge é respondida pelos colegas, e discutida, sem a necessidade da autorização do professor. A intervenção dos tutores e professores existe, mas eles não são mais a única fonte de conhecimento. Essa autonomia dos estudantes e descentralização do poder e do saber, dentre outras, são para mim, características inerentes a modalidade a distância, além de demonstrar grande potencial no processo de construção do conhecimento.

BROTAMENTOS

Essas são aproximações iniciais partindo do campo de estudos pós-colônias para estruturar minha linha de pensamento. Ainda que superficiais percebo aqui um caminho de possibilidades onde a EAD, com suas especificidades, tem o espaço, sem precisar se legitimar em outro lugar, que me permite pensar os processos de

construção de conhecimento dentro das disciplinas de atelier. Com base na minha experiência enquanto professora nas duas modalidades, consigo perceber as diferenças em cada uma e identificar seus limites e potencialidades. Na imagem abaixo, desenhei um diagrama bem simples que comecei a esboçar a partir reflexões despertadas pelas leituras e minhas vivências.



Esse desenho traz a forma como percebo tanto o viés institucional, de caráter objetivo, constituído nas matrizes curriculares, no formato das disciplinas e nas abordagens metodológicas geralmente adotadas, quanto o viés subjetivo, da relação entre professores e estudantes, dos estudantes com o seu percurso acadêmico e na forma como o aprendizado é construído dentro dele. E é por entender a modalidade a distância como um lugar mais orgânico, maleável, sensível e aberto para as singularidades do processo de produção de sentidos e construção de conhecimento, que identifico minha pesquisa no campo da decolonialidade. Pois ela nasce e consolida nas bordas, na periferia, e não se pretende centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

ALFANO, Bruno. **EaD, parte 2:** maioria da formação de professores já é em educação à distância. O Globo. Rio de Janeiro, 30/10/2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ead-parte-2-maioria-da-formacao-de-professores-ja-em-educacao-distancia-24050007>>. Acesso em: janeiro de 2020.

CARVALHO, José Jorge de. **O olhar etnográfico e a voz subalterna.** Horizontes Antropológicos, [online]. vol.7, n.15, p.107-147, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-71832001000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: janeiro de 2020.

DIAS, Belidson. **O I/mundo da educação em cultura visual.** Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

LIMA, J. G. S. A. DE. **O pós-colonialismo e a pedagogia de Paulo Freire.** Revista Inter-Legere, v. 1, n. 11, 14 out. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4309>>. Acesso em: janeiro de 2020.